



DIALOGANDO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES E A REDE DE CUIDADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sara Paes Gaião Torreão¹; Danilo Ventura Oliveira²; Igor Oliveira Meneses³; Amanda Ferreira Vigó⁴; Rachel Cavacanti Fonseca⁵.

¹Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; email: sarapaess@hotmail.com; ²Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; email: danilo.ventura7@hotmail.com; ³Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; email: igoromeneses@hotmail.com; ⁴Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; email: amandafvigo@hotmail.com; ⁵Faculdade de Ciências Médicas da Paraíba; email: rachelcfjp@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher, por muito tempo, foi vivida na particularidade do ambiente doméstico e de forma silenciosa (SILVEIRA, NARDI e SPINDLER, 2014). Devido ao patriarcalismo a mulher era propriedade do homem e, por isso, a sociedade não tinha responsabilidade sobre o que acontecia na esfera particular, impedindo que as mulheres fossem protegidas pelo estado e devidamente respeitadas.

Os marcos legais nacionais, como o direito de voto da mulher com a constituição de 1934 e o Estatuto da mulher casada, em 1962, enfim tornaram a mulher igual na esfera legal, porém para modificar os costumes é preciso muito mais do que isso. Os movimentos feministas foram e são importantes para combater a consciência patriarcal e, na década de 80, culminaram na criação da delegacia da mulher, em São Paulo, para combater o grande descaso e preconceito por partes das instituições (HERMANN, 2008).

O caso Maria da Penha foi para a esfera internacional e o Brasil foi condenado, no relatório n. 54 da Organização dos Estados Americanos, pela negligência e omissão frente à violência doméstica, o que culminou na criação da lei Maria da Penha (11.340/06), sendo a primeira vez que o estado Brasileiro quebrou paradigmas e protegeu a mulher contra a violência doméstica. É importante ressaltar que a Organização Mundial de Saúde considera a violência doméstica como um fenômeno invisível, pois apesar de acontecer na maioria das sociedades, acaba sendo, por vezes, um fenômeno socialmente aceito e tratado como normal ou comum (WHO, 2005).

A prevalência de violência doméstica, constatada por investigações por meio de serviços de Saúde, chegam a valores entre 4 e 23% perpetradas por parceiro íntimo, no



período de 19 a 39 anos, aumentando para valores de 33 a 39% quando é considerado o período total de vida dessas mulheres (KRONBAUER, 2005). Por isso, os serviços de saúde são muito importantes para a detecção do problema, pois possuem contato direto com a mulher, podendo reconhecer e acolher quando houver casos de violência. Porém, ainda é um serviço falho, pois caso não haja a identificação do problema pelos profissionais de saúde, a situação tende a se perpetuar, diminuindo a eficácia da intervenção, logo do serviço de saúde (SANTOS, 2003).

A integralidade do cuidado vai depender do bom funcionamento de todos os níveis da produção do cuidado, envolvendo a rede básica, rede secundária, atenção à urgência e diversos outros níveis assistenciais (FRANCO, 2003). O Instituto Cândida Vargas (ICV) faz parte da rede de cuidado integral de assistência a mulher, com atendimento global, que vai desde emergências clínicas a casos de violência contra a mulher, tendo este um núcleo especializado que lida e apoia a mulher desde a sua chegada na unidade até na continuação do caso.

O trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicos de medicina, em uma visita técnica ao ICV, a fim de conhecer o funcionamento da rede de cuidado a vítimas de violência contra a mulher.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que se deu no município de João Pessoa, na maternidade de referência da Paraíba, Instituto Cândida Vargas (ICV). Este cenário está vinculado ao Módulo de Atenção à Saúde V (AS V).

A vivência foi realizada por meio de uma visita ao auditório do ICV, onde houve uma conversa com os profissionais de saúde, que falaram como funciona o ICV quanto ao acolhimento a mulheres que procuram o serviço por serem vítimas de violência, seja ela física e sexual, verbal e psicológica. Ocorreu durante um semestre letivo do ano 2016.

Durante a visita, a equipe explicou os passos que a mulher violentada, ao chegar ao ICV, faz, além de serem realizadas perguntas e anotações pelos estudantes.

As vivências práticas do módulo AS V proporcionaram o contato com a realidade enfrentada pelas mulheres vítimas de violência sexual e a conscientização da atenção e do valor que deve ser dado a essas vítimas.



RELATO DA EXPERIÊNCIA (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

A visita ocorreu no Instituto Cândida Vargas, onde uma equipe multiprofissional da área da saúde foi reunida para debater acerca do tema violência contra a mulher. O ICV é um serviço especializado na atenção a esse tipo de violência, e a equipe explicou aos estudantes como funciona o acolhimento das mulheres que procuram esse serviço por serem vítimas de violência, seja ela física e sexual, verbal e psicológica.

De início, foi apresentado um vídeo onde mulheres deram depoimentos contando suas experiências próprias, e foi aí o primeiro momento aberto a reflexão, pois até então ainda não havia ocorrido contato tão próximo com tal assunto por parte dos estudantes. Pôde-se perceber através desse vídeo que a violência à mulher vai muito além da violência sexual: muitas vezes, está presente dentro de casa (namorado/marido/pai), através de ofensas, xingamentos, gritos, ameaças, pressão psicológica, agressão física, ciúme doentio pelas roupas utilizadas pela mulher a ponto de proibir que a mesma saia de casa. Enfim, são inúmeras as formas de agressão que a mulher sofre, pois ainda se vive em uma sociedade extremamente machista. Além das violências mais conhecidas: sexual, o estupro, que pode ser por desconhecidos ou até mesmo por parentes e conhecidos, inclusive os profissionais contaram que os casos de estupro que chegam ao ICV se dão muito mais por conhecidos da vítima do que por desconhecidos da mesma.

Outra coisa que chamou atenção dos alunos durante a conversa com a equipe, foi o medo que as mulheres sentem de denunciar o agressor, principalmente quando este é de dentro de casa, ou algum conhecido. Elas têm medo de serem “punidas” mais ainda, caso eles não sejam presos, e acabam se vendo reféns diante daquela situação. Além disso, muitas nem sabem que são violentadas muitas vezes, pois também acham que violência é só sexual ou física.

Ao procurar o serviço por ter sido vítima de violência, a mulher será atendida por uma equipe multiprofissional, contendo assistente social, enfermeira, psicóloga e médica, que estão disponíveis 24 horas por dia. Ela será encaminhada para uma sala com todos esses profissionais onde será ouvida uma única vez por todos, simultaneamente, para que a mesma não precise se repetir várias vezes a respeito do ocorrido, visto que na maioria das vezes ela chega muito abalada. A mulher conta o que aconteceu, conversa sobre aquele momento, devendo sempre se sentir acolhida e confiante perante a equipe. Além do acolhimento, é dado àquela mulher uma série de medicamentos contra prováveis DSTs contraídas e contra uma



possível gravidez, em até 72 horas do estupro, caso tenha havido um. Caso seja necessário e ela queira, a mesma pode continuar fazendo acompanhamento com uma das psicólogas de lá.

A experiência vivida no ICV foi muito enriquecedora para os alunos, como estudantes e como seres humanos, pois proporcionou um contato direto com a realidade dessas mulheres, e também uma reflexão sobre o assunto. O que mais chamou atenção dos estudantes, acerca da visita, foi saber que a maioria dos casos de violência se dá por homens da convivência da própria mulher e pouquíssimos são os casos que ocorrem por estranhos.

O ICV dá todo o suporte a essas mulheres e todas as informações que elas precisam. Pôde-se perceber quão complexo e sério é esse tema, além de ser muito mais frequente do que se imagina. Mulheres são agredidas diariamente sem nem saberem que estão sendo e uma intervenção é necessária para mudar essa realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Estamos no século XXI e, infelizmente, ainda vivemos em uma sociedade machista, com tanta violência contra a mulher. Esse é um tema muito sério e importante ainda na atual sociedade e se deve, principalmente, à desigualdade de gênero, logo, os profissionais de saúde são indispensáveis nesse processo e devem estar atualizados acerca dessa problemática a fim de saber intervir de forma efetiva no acolhimento a essas vítimas, não só com o enfoque no problema físico, mas principalmente na saúde mental e psicológica, com o objetivo principal de minimizar o trauma e evitar possíveis sequelas, quebrando o ciclo de violência. (LETTIERE, NAKANO E RODRIGUES, 2008)

Precisamos de trabalhos como o que o ICV vem desempenhando com tanto carinho e dedicação. A atenção integral às mulheres nesse momento tão crítico na vida delas é fundamental. Além disso, temos que denunciar caso saibamos de algum caso, pois como futuros profissionais da saúde, não podemos nos omitir frente a uma situação como essa. Violência contra a mulher, seja verbal, sexual, física ou psicológica, desde as formas mais sutis, é crime e tem que ser denunciado.

É necessário que haja a elaboração de mais políticas públicas nesta temática, a fim de incentivar e alertar as mulheres sobre o assunto: o que é a violência contra a mulher e qual sua importância e onde buscar ajuda nessas situações. Mostrar a elas que violência não é só física e/ou sexual. É necessário também que existam mais serviços especializados na atenção a essas mulheres, prontos a recebê-las e acolhê-las. Nós, enquanto sociedade, precisamos atuar de



forma ativa no combate à desigualdade de gênero, pois é a partir daí que o número de casos de violência começará a diminuir.

REFERÊNCIAS:

FRANCO, Túlio Batista; MAGALHÃES JÚNIOR, Helvécio Miranda. Integralidade na assistência à saúde: a organização das linhas do cuidado. **O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano**, v. 2, p. 125-34, 2003.

HERMANN, Leda Maria. Lei Maria da Penha: violência doméstica e familiar: considerações a Lei 11.340/2006. São Paulo - Editora Servanda, 2008

KRONBAUER, José Fernando Dresch; MENEGHEL, Stela Nazareth. Perfil da violência de gênero perpetrada por companheiro. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 5, p. 695-701, Oct. 2005.

LETTIERE, Angelina; NAKANO, Ana Márcia Spanó; RODRIGUES, Daniela Taysa. Violência contra a mulher: a visibilidade do problema para um grupo de profissionais de saúde. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 467-473, Sept. 2008.

SANTOS, Luciane Loures dos. A visibilidade da violência de gênero em dois serviços de assistência primária à saúde. **Diss. Universidade de São Paulo**, 2003.

SILVEIRA, R. S., NARDI, H. C., & SPLINDER, G. Articulações entre gênero e raça/cor em situações de violência de gênero. **Psicologia & Sociedade**, 26(2), 323- 334. 2014

World Health Organization. "WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: summary report of initial results on prevalence, health outcomes and women's responses." (2005).